

O ELO DA DOMESTICAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA E NO CINEMA: UMA LEITURA DE *CIDADE DE DEUS*

Palavras-chave: Cidade de Deus; violência; entretenimento; espetáculo; determinismo.

Autores:

Ana Carolina Sant'Anna Zucchetti [IEL/Unicamp]

Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão (orientador) [IEL/Unicamp]

Introdução

Sabe-se que *Cidade de Deus* é uma das obras de entretenimento mais conhecidas no Brasil e no mundo. Sua versão audiovisual é, sem dúvidas, mais famosa, entretanto ela é derivada da versão escrita. Assim, é possível traçar uma intersecção entre essas duas áreas (cinematográfica e literária) por intermédio da referida obra e, com isso, analisar alguns pontos importantes na construção da narrativa literária e também na adaptação, montagem e direção da narrativa cinematográfica. Levando esses aspectos em consideração, esta pesquisa teve por objetivo avaliar como esses processos ocorrem a partir de um foco bastante específico: a violência. Nesse sentido, buscou-se evidenciar:

- semelhanças e diferenças decorrentes das duas estruturas, considerando a linguagem literária e a linguagem cinematográfica, pretendendo detectar e analisar os elementos do discurso e mostrar como a violência e seus efeitos podem se tornar, em ambas as narrativas, entretenimento;
- discutir o contexto de produção dos livros e filmes e as possíveis intenções;
- observar como a distinção entre os tipos de bandido acontece;
- analisar de que forma essa domesticação da violência afeta a população.

Metodologia

Na primeira fase da pesquisa foram realizadas a leitura da obra principal bem como a visualização do filme, procurando compreender quais recursos são utilizados para que as obras passem uma visão espetacularizada da realidade e de que formas foram vistas e interpretadas no período em que foram publicadas. A violência no livro é apontada por Paulo Lins com todo seu potencial destrutivo e a narrativa deixa claro que ninguém vira bandido de uma hora para outra: o processo é gradual, doloroso e cruel. As descrições dos atos de violência no livro são ásperas e não têm a intenção de amenizar a sensação daquilo

que é narrado. O autor coloca em sua obra a dor, a desordem, o descompromisso com a vida, o que faz com que pareça que na Cidade de Deus a única lógica que existe é a lógica do desespero.

Alguns anos depois, surge o filme, segundo objeto de estudo desta pesquisa, que consiste em uma adaptação do romance de Lins ao retratar o crescimento do crime organizado na Cidade de Deus, uma favela que começou a ser construída nos anos 1960, com objetivo de afastar a população mais pobre dos centros urbanos, e que se tornou um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro no começo dos anos 1980. Para contar a trajetória deste lugar o filme narra a vida de diversos personagens e eventos que se entrelaçam no decorrer da trama. Além disso, os mecanismos que movem o mundo da Cidade de Deus estão fechados entre si, ou seja, tudo acontece dentro da favela e por conta dela. Todavia, essa realidade fechada dialoga com elementos externos, sem apontar soluções para as situações. Cabe pontuar também que a área do processo de tornar-se bandido delimita um espaço comum: vê-se os chefes do bando como líderes que aprenderam lições duríssimas com o crime, mas que não deixam de ser meros corpos que morrem como moscas. Nesse sentido, há uma tentativa de humanizá-los pelas escolhas, sem, contudo, promovê-los a heróis.

Ao longo dessa pesquisa, além do livro e do filme *Cidade de Deus*, também foram usadas outras produções que pertencem à franquia de nome homônimo: o documentário *Cidade de Deus: 10 anos depois*, que retrata a vida dos atores dos filmes após dez anos das gravações, e *Cidade dos Homens* como material complementar. Esses dois materiais apareceram em meio à pesquisa, quando começaram a ser notados traços do Naturalismo brasileiro e do determinismo na obra de Paulo Lins. Nesse sentido, o documentário é utilizado como base para expor como o determinismo é presente não somente na literatura, como também liga a ficção à realidade, fazendo-se influente nesta última. É também elemento fundamental para progressão do elo de domesticação da violência dentro desse universo, justamente por mostrar que a realidade também é dura e cruel. Por fim, *Cidade dos Homens* traz um contraponto, uma visão diferente da favela carioca a fim de acabar com estereótipos que surgiram com o livro e com o filme.

No mais, estão presentes também materiais de apoio para auxiliar na análise, como dissertações, artigos e ensaios de assuntos relacionados ao tema da pesquisa.

Discussão

Parece que as obras do universo de *Cidade de Deus* foram feitas para chocar e polemizar. Paulo Lins, ao escrever a obra literária, impactou a crítica intelectual especialmente, e chocou e desagradou os defensores de alguns padrões estéticos. Por conta do grau de realismo nas cenas narradas, a linguagem e a forma de tratamento ficcional bruta, áspera, de caráter factual, ele problematiza e expõe a fronteira entre as desumanidades, a “neofavela” e suas representações, com traços bastantes chamativos do antigo Naturalismo, aproximando-se de um um “Neonaturalismo” (SCHWARZ, 1999).

Fernando Meirelles, por sua vez, não deixou por menos em sua adaptação fílmica, tratando com o mesmo vigor, aquele contexto, a partir da sua representação da “realidade”. Pode-se dizer que tanto a visibilidade quanto a controvérsia foram ainda maiores devido ao alcance imediato e popular da imagem cinematográfica. A adaptação cinematográfica apresenta-se, ainda, como uma obra inovadora e original, que busca uma gramática fílmica capaz de trazer e fazer uma transposição semiótica entre as linguagens e

narrativas como um espaço verdadeiramente autoral. Devido à ousadia da produção, o cinema brasileiro se desdobrou em um novo setor e, como esperado, as polêmicas geradas foram muitas, começando a levantar comparações simplistas, como a denominação de “cinema com estética publicitária”, “mascaramento” do inferno da favela, do tráfico, da violência e miséria, “espetacularização” da violência e culto ao cinema hollywoodiano. Entretanto, o que Meirelles apresenta em sua obra é extremo investimento quanto à forma de sua narrativa. Há grande preocupação em dar autenticidade, com o aspecto realista, mas com competência de um cinema que faz uso das possibilidades técnicas e tecnológicas de seu tempo. Assim, enveredou-se por um processo de recriação e reinterpretção da obra de Lins, respeitando o espírito e a estrutura literários.

Além disso, ao buscar a autenticidade para compor o aspecto realista, há no elenco uma das características mais notáveis. Os jovens preparados pela oficina de atores criada especialmente para o filme revelou os legítimos rostos da favela, acentuando a veracidade da narrativa e lançando a história fictícia às bases reais. Isso remete a uma espécie de herança de certos princípios do Neorealismo. Essa representação muito próxima da realidade é marcada pela presença de elementos como: os atores amadores, pertencentes aos contextos sociais dos quais o filme trata; as locações no ambiente vivo, real dos acontecimentos; as delimitações não muito nítidas entre ficção e documentário, com marcas enunciativas próprias das duas linguagens; e a temática com o foco nos excluídos da sociedade. O encadeamento da narrativa alucinante de Lins, na qual a brutalidade da realidade é cruamente narrada, é definida e produzida através desta dinâmica na adaptação de Meirelles: a dinâmica da ruptura e da tensão da montagem. Dessa maneira, o grau de agressividade contido do filme não é explicitado exatamente nas imagens, mas sim um resultado dessa proposta.

Portanto, ambas as obras homônimas (literária e cinematográfica) aparecem, em primeiro plano, com essa intenção de quebrar paradigmas em todos os sentidos. Além de surpreender no campo estético, são capazes de espantar também os espectadores ao passo que revelam um movimento destrutivo e mortal dos pontos urbanos mais afastados do centro carioca. Na medida em que Lins e Meirelles reproduzem a história da Cidade de Deus, incorporam também diversas outras favelas nessa representação. Assim como Antonio Cândido afirma em *De cortiço a cortiço*, ao invés de simbolizar apenas o que acontece dentro da “neofavela” protagonista, as obras passam a espelhar aspectos comuns a todos as comunidades afastadas e marginalizadas.

Dez anos após a estreia do filme, surge, então, o documentário, que traz mais uma crítica e, na mesma proporção, mais circunstâncias chocantes: a situação dos atores que fizeram o mais famoso filme brasileiro vivem em situações difíceis e poucos conseguiram, de fato, alavancar a carreira a partir do trabalho. Nesse sentido, o documentário prova que, apesar de não viverem sem um contexto igual ao da Cidade de Deus retratada, as oportunidades e as condições são escassas para a população pobre e negra. Com isso, confirma-se que o determinismo social, corrente ultrapassada, continua influenciando ainda atitudes de discriminação. Logo, é necessário chamar atenção para o fato de que o determinismo social só é possível, pois existem estruturas governamentais coniventes com a situação de vulnerabilidade dessas comunidades afastadas. Considerando as poucas oportunidades e pouco dinheiro, fica fácil, como é possível atestar com o destino de alguns atores, encontrar na criminalidade ou em algum vício uma forma de fuga.

O seriado, contudo, traz uma outra visão sobre a vida na comunidade. Essa produção é responsável por promover uma maior verossimilhança à realidade nas favelas da capital do Rio de Janeiro. *Cidade dos Homens* é uma produção muito mais leve do que *Cidade de Deus*. Isso se deve ao fato de não ter como foco o tráfico; este cumpre papel coadjuvante, como uma situação comum, mas não principal para a narrativa. Por ser justamente um seriado, que tem vários episódios com temáticas diversas, consegue passar muito mais a ideia do que é viver o dia a dia no morro. *Cidade dos Homens* consegue, assim, mostrar o outro lado da comunidade e contribui para acabar com o estereótipo que vincula a favela, o negro e a violência. Nessa produção, o objetivo é mostrar o contraponto do que *Cidade de Deus* exportou para o mundo: as pessoas honestas, que continuam tentando com todas as forças conquistar o espaço e as coisas delas, são a maioria dentro da comunidade e também sofrem com a violência, mesmo que estejam inseridos nessa realidade.

Conclusão

Ao fazer a leitura das obras pertencentes a esse universo de *Cidade de Deus*, torna-se claro para o público que a violência é o foco das histórias (um pouco menos em *Cidade dos Homens*). O romance e o filme fazem uma análise sobre a criminalidade no conjunto habitacional Cidade de Deus. Inicia-se pelas pequenas transgressões cometidas na década de 1960 e finaliza na situação de violência generalizada e de domínio do tráfico de drogas dos anos 1980. Para diferenciar as décadas, o autor utiliza a expressão “neofavela” como oposição à favela antiga das rodas de samba e da malandragem vista como inofensiva e idealizada, que foi reformulada pela guerra sangrenta entre os traficantes e pela violência e corrupção da polícia.

O determinismo social, presente em *Cidade de Deus*, que se aproxima da estética Naturalista (principalmente de *O cortiço*), é evidenciado com força em *Cidade de Deus: 10 anos depois* como algo que perdura até os dias atuais, na literatura e na realidade, sobretudo quando se fala sobre os pobres. Devido a isso, a obra de Lins parece pertencer a uma nova vertente do Naturalismo, como aponta Schwarz, por conta dessa característica principal. Além dessa, o romance conta também com um espaço de pessoas pobres como principal palco dos acontecimentos, sendo importante determinante social. O papel da comunidade como protagonista nas narrativas é o que permite aproximá-las às teorias deterministas. A domesticação da violência torna-se um processo tão concreto e contínuo que pode-se traçar um paralelo entre a literatura de Lins e a de Azevedo ao compreender que a Cidade de Deus seria o futuro do cortiço, comparando as estruturas e a representação da pobreza e dos pobres na literatura.

Nesse sentido, evidencia-se um processo histórico de refinamento de divisão da sociedade em classes econômicas e, portanto, uma engrenagem social e cultural excludente de segregação dos mais pobres, colocando-os em locais o mais afastados possível, visto que carregam um estigma criado que os define como indesejados e potencialmente perigosos. Verifica-se, por fim, dentro das fronteiras cerradas dos espaços narrativos das obras uma articulação entre ordem e desordem que vai explanar a lógica perversa dos julgamentos da sociedade brasileira e as desigualdades presentes nela.

Em suma, *Cidade de Deus* expõe a violência de dentro para fora, como consequência da vivência em conjunto com práticas violentas. A partir da transposição da realidade para a ficção, tem-se obras de

entretenimento. Todavia, mais que isso, elas cumprem papel forte de denunciar a situação social de locais periféricos. Mesmo sem contextualizar os problemas sociais ou sugerir soluções, são, com efeito, obras essenciais ao revelar a maneira como a falta de perspectivas e a ausência do poder público formam exércitos de jovens e crianças que manipulam armamentos pesados e matam com uma frieza desconcertante, tentando, em alguma medida, sobreviver à marginalização social, por meio do comércio de drogas ou pelo roubo. A temática da exclusão recebe contornos mais pesados no filme. Porém, em todas as obras, as narrativas deslumbram e cativam o público ao mesmo tempo que o impressionam e o embrutecem.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002. Disponível em: <https://issuu.com/fernandalima4/docs/bakhtin_m_-_questoes_de_literatura> Acesso em: fevereiro de 2021.

CÂNDIDO, Antonio. **De cortiço a cortiço**. Novos estudos CEBRAP, 1991. Disponível em: <(25) (PDF) [Antonio Candido De cortico a Cortico | Marcelo Valadas - Academia.edu](#)>. Acesso em: maio de 2021.

CARVALHO, Luciana de. **Uma leitura de Cidade de Deus de Paulo Lins**. Araraquara: UNESP, 2007.

CIDADE de Deus: 10 anos depois. Direção de Cavi Borges e Luciano Vidigal. Rio de Janeiro: Cavideo, Canal Brasil e Nós do Morro, 2012.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002. 1 DVD (130 min.)

CIDADE dos Homens. (Temporadas 1 a 4, 19 episódios) Direção: Adriano Goldman, Cao Hamburger, César Charlone, Eduardo Tripa, Fernando Meirelles, Kátia Lund, Paulo Lins, Paulo Morelli, Pedro Morelli, Philippe Barcinski, Regina Casé, Renato Batata, Roberto Moreira. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002-2005

DURÃO, Fabio A.; CANARINOS, Ana Karla. **O século XVIII é mais avançado que o XXI: uma experiência de autoetnografia**. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/44694/751375148464>> Acesso em: outubro de 2020.

_____. **Towards a Model of Inclusive Exclusion: Marginal Subjectivation in Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

DUTRA, Eliane A. **Cidade de Deus: a banalização da violência como discurso**. Florianópolis: UFSC, 2005.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARMENTO, Rosemari. **Do cortiço à Cidade de Deus: a representação dos de baixo na literatura e no cinema**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

SASSO, Wilson. **Cidade de Deus - Os universos do crime e não-crime: do romance ao filme**. Curitiba: UFPR, 2010.

SCHWARZ, Roberto. “Cidade de Deus”. In: *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

STUCKER, Ananda. **A periferia nos seriados televisivos Cidade dos Homens e Antonia**. São Paulo: FFLCH/USP, 2009.